

# Enciclopédia Simpozio

(Versão em Português do original em Esperanto)

© Copyright 1997 Evaldo Pauli

## DESCARTES, FUNDADOR DA FILOSOFIA MODERNA.

### Cap. 2 DESCARTES - MÉTODO E TEORIA DO CONHECIMENTO. 3686y066.

67. Introdução. Há uma *filosofia cartesiana*, que é específica do próprio Descartes, de que importa tratar primeiramente, e uma filosofia Cartesiana, que é desdobrada por sobre os seus princípios fundamentais, com consequências mais coerentes e radicais, à quais seus discípulos foram levados por novas meditações.

Em tratando da filosofia do próprio Descartes, há que mostrar seu sistema como um todo, mas com o destaque posto ali onde ofereceu inovações. No repassar as diversas áreas da filosofia tratadas, como lógica (sobretudo metodologia), gnosilogia, ontologia, filosofia natural, moral, revelam-se em que cada uma doutrinas peculiares do cartesianismo.

68. A filosofia de Descartes se concentrou no estudo do conhecimento. Por isso, uma divisão didática procede adequadamente, ao dividir toda a sua filosofia em grandes unidades, ou capítulos, destacando para o primeiro o que mais o preocupou e veio efetivamente a tratar:

- o método e a teoria do conhecimento (vd 3686y066);
- filosofia geral, natural, em que vai incluída a psicologia, finalmente a filosofia moral, de que se ocupou também, ainda que parcamente (vd 3686y ).

No primeiro capítulo, referente ao conhecimento, o tema é abordável sob dois pontos de vista distintos, portanto em dois artigos separados, ainda que o mesmo Descartes não os tenha separado inteiramente:

- Método em Descartes (vd 3686y070),
- Teoria do conhecimento em Descartes (vd 3686y...).

Trata-se, pois, ao conhecimento primeiramente do ponto de vista meramente formal da lógica, e destacando o método; a seguir, do ponto de vista da validade de conteúdo gnosiológico, particularmente do ponto de vista da certeza inicial:

---

71. **Introdução.** Não obstante ser o objetivo principal de Descartes atingir a solução gnosiológica da certeza do conhecimento, tratou primeiramente do método, do ponto de vista meramente formal da lógica.

Mas não tratou Descartes sistematicamente de toda a lógica, de que o método é apenas um acabamento. Todavia, podem-se coletar aqui e ali textos sobre os mais variados assuntos da lógica formal, referentes, ora às operações mentais, - como conceito, juízo e raciocínio, - ora referentes mesmo à linguagem, que traduz o pensamento em expressão exterior.

Penetrou Descartes mesmo na área da linguística, ao se ocupar diligentemente do *planejamento da língua universal*, conforme se aprecia em uma longa carta ao Padre Mersenne, datada de Amsterdam, 20 de novembro de 1629. A preocupação de uma língua mais perfeita se repetirá em Komenius e Leibniz, para finalmente surgir no projeto Esperanto, de Dr. Luiz Lázaro Zamenhof, publicado em 1887.

Estava bem convencido Descartes, que, sem um método adequado, as filosofias até então haviam incorrido em erro fácil. Por isso, - embora tendo por objetivo a solução do problema crítico, ou seja de um ponto de partida válido de todo o conhecimento, - deu um passo atrás, perguntando primeiramente pelo método.

E como seu objetivo era usar o método na gnosiologia, os exemplos para explicar o método se enredam desde logo com o mencionado objetivo. Mas, é preciso, distinguir sempre uma e outra coisa, apesar da simultaneidade das referências.

A ocupação com o método pode confundir, dadas as perspectivas variadas sob as quais é examinado. Por isso, convém perguntar sob quais delas se colocou Descartes, - se sob o aspecto subjetivo, se sob o objetivo, e quais detalhes mais destacou.

O método admite primeiramente uma consideração, que o faz ser visto *subjetivamente e objetivamente*. Em ambas se inquire do modo como dirigir-se ao objeto a conhecer.

O método, considerado subjetivamente, se diz da maneira como acontece na didática e na pedagogia, que leva em conta a situação subjetiva de quem busca o saber; não foi esta a preocupação central de Descartes.

O método, considerado objetivamente, leva em conta a situação do objeto mesmo a alcançar. Agora, nos encontramos na área de ocupação de Descartes.

Mas a consideração sobre o método pode também distinguir entre a *maneira formal* de o exercer e a *aplicação material* do método.

Quanto à aplicação material, ou assunto examinado com método, Descartes apresentou uma novidade: pôs em exame metódico o *conhecimento simplesmente*.

72. Didaticamente os temas da metodologia de Descartes podem ser abordados na sequência seguinte:

Situamento histórico do método cartesiano (vd 3686y074).

O método cartesiano em geral (3686y078).

Importa o situamento histórico, porque Descartes não fora uma figura isolada, ainda que proeminente pelo impacto. Depois, também importa distinguir entre o geral e o especial, porque Descartes, embora não tenha tratado de todos os temas da lógica, abordou, além do tema geral, um bastante particular, o da classificação das ciências.

### **§1. Situamento histórico do método cartesiano. 3686y074.**

75. Ainda que os antigos já procedessem com método, não se dedicaram exaustivamente, apesar dos questionamentos ceticistas, ao estudo do conhecimento, do ponto de vista de sua validade, com a dimensão e a preocupação metodológica dos modernos. Descartes impôs-se uma dúvida metódica no processo mesmo de sua certeza de conhecer.

Com referência ao jesuíta Francisco Suarez (1548-1617), que introduziu novos métodos em ontologia, não conduziu esta indagação metodológica para o plano da gnosiologia. Pelo exposto, não se trata somente de uma nova maneira de tratar o método, mas também de novas temáticas subordinadas a método.

Atentos à extensão da generalidade material, no método há aquelas perspectivas metodológicas comuns a todos os objetos e outras restritas aos seres de regiões particulares.

Pergunta-se em que temático se situou Descartes em suas investigações metodológicas. Suas regras metodológicas alcançam os objetos em geral. Ocupa-se portanto com metodologia geral, além da particular, onde foi se ocupar da metodologia da teoria do conhecimento.

76. Mais que Sócrates, que Platão e muitos outros (vd 80), tratou Descartes do método, assunto aliás de novo em voga no início dos tempos modernos. Nesta retomada histórica do tema, o *Discurso do método*, publicado por Descartes em 1637, foi mais que um episódio, em virtude do impacto provocado.

Aplicou, Descartes com muito mais insistência o método no tratamento da questão da certeza gnosiológica inicial.

Partiu metodicamente de um fato, o de que ca um tem o conhecimento imediato de que pensa.

*Penso!* Eis que este *cogito*, se apresenta em si mesmo como certo, ao modo de uma certeza absoluta, não dependente de outra. A partir deste cogito, identificado como fato inicial, eis a partir de onde importa prosseguir com método!

Cuidou Descartes com tal carinho do seu ponto de partida metodológico, que fez a pergunta sobre a razão, - porque esta certeza é tal. E verificou diretamente, sem intermediários, que *clareza* e *distinção* constituem as propriedades desta primeira certeza, a qual é admitida apenas por ser clara e distinta no seu mostrar-se ao sujeito cognoscente.

E porque, para ocorrer certeza não importa mais do que isto, o *critério da certeza* é constituído pela evidência *clara e distinta*. Tal acontecia com o seu ponto de partida, - a certeza do *cogito*, - que ficou sendo este metodologicamente válido para início de todo um sistema de filosofia.

## §2. O método cartesiano em geral. 3686y078.

79. Do ponto de vista meramente formal da sistemática da lógica, importa atender, que o método se dá, ora na operação do conceito, - como *análise* (divisão e classificação) e como *síntese* (composição e definição); ora na operação do juízo, - como análise (nas inferências) e como síntese (nos dados); ora na operação do raciocínio, - como análise (na indução) e como síntese (na dedução).

Não parece que Descartes tenha tratado do método, atento a esta sistematicidade. Esteve todavia sempre atento à que a *análise* fosse cuidadosa, sem nada omitir, *progredindo por graus e fazendo classificações*.

Colocadas as distinções acima, pergunta-se ainda, - em que questões materialmente se utiliza o método?

Temos agora que advertir, que Descartes tratou da *divisão e classificação das ciências*. Este é um tema de caráter meramente formal, e portanto exclusivamente da lógica. Mas, uma classificação, ainda que meramente formal, classifica levando em conta o aspecto material das coisas. Isto está muito evidente na classificação das categorias e finalmente na classificação das ciências.

Temos, pois, diante, a lógica do *método cartesiano em geral* (vd 3686y075) e a *classificação cartesiana das ciências, em especial* (vd 3686y097).

80. Ainda que não escrevendo muito sobre o método em si mesmo, Descartes esteve sempre atento a ele, ao se propor a usá-lo na elaboração de uma filosofia e de uma ciência novas. Seu *Discurso do Método*, apesar da metodologia, contém mais de teoria do conhecimento e de metafísica do que de metodologia. Aliás, o mesmo Descartes escreveu o texto como uma introdução ao que viria depois.

Não é, portanto, no método em si mesmo que devemos louvar a Descartes, mas no cuidado de o aplicar no exame da filosofia e da ciência. Ao tratar do método, prontamente já foi seguindo para a sua aplicação, o que faz não percebermos logo onde cuida mais do método e onde mais da ulterior aplicação. Ainda que não escreva muito sobre o método, para seu tempo era bastante o que Descartes dizia, como ainda era apreciável a importância que lhe deu.

Com referência ao método, importa distinguir o que pertence ao seu tratamento meramente *formal* e o que diz respeito à sua *validade*. Apenas o tratamento formal pertence à Lógica. Aliás, a metodologia é um capítulo da lógica, que, tratando das operações mentais (idéia, juízo, raciocínio), mostra também como se processam (dali os métodos de conceituar, os métodos de julgar, os métodos de raciocinar). Sempre que se cuida da validade, o assunto já não pertence à lógica, mas à gnosiologia (ou teoria do conhecimento).

Quanto a Descartes, ele fez tanto a metodologia como lógica e a metodologia como gnosiologia. E é preciso não confundir ao fazermos o exame histórico de suas doutrinas a respeito de um e outro aspecto.

81. O método, que é o modo de se proceder a uma indagação, constitui um dos raros temas da lógica, de que se ocupou Descartes, - conforme já se adiantou. Deu-lhe, todavia, uma ênfase inusitada, tanto no exame do mesmo método, como na sua aplicação aos casos particulares da filosofia, da física, da matemática.

Do ponto de vista histórico, o método já foi praticado por Sócrates, como se vê nos diálogos de Platão. Ao

proceder os arrolamentos em duas colunas, até alcançar os elementos gerais do conceito que reunia os casos particulares, agia evidentemente com um método. Platão, sobretudo Aristóteles já se ocupam teoricamente do método. No que se refere à indução, sobretudo os modernos lhe dão desenvolvimento. Descartes, entretanto, cuidou mais do aspecto fenomenológico dos momentos iniciais do conhecimento. Ao iniciar o *Discurso do Método* e lembrar que "o bom senso é a coisa mais bem distribuída", diz que "a diversidade das opiniões não resulta de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de que conduzimos os nossos pensamentos por caminhos diversos e não consideramos as mesmas coisas, porque não basta ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem".

Encontra-se ali afirmada logo de início a importância do método, mais que a consideração da inteligência em si mesma, para diferenciar os resultados dos estudos. Advertido desta situação, entrou Descartes a estudar o próprio método. Numa advertência de modéstia, contudo, complementa: "o meu intento não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir a sua razão, mas somente mostrar de que maneira procurei conduzir a minha" (1a. meditação).

82. Os primeiros representantes da filosofia moderna escreveram quase todos sobre o método. Os ensaios têm início com o pequeno tratado *De methodo* (1558) de Contius, um protestante que ainda escreveu em latim. Pedro de la Ramée inclui o método como um capítulo da lógica.

No século 17, intensificou-se a preocupação metodológica, em face das ciências experimentais e mesmo da reforma geral da filosofia. O *Novum Organum* (1620), de Francisco Bacon, insistiu no método (veja-se aforismo 61, L.1).

Eis quando cronologicamente se situa o *Discurso do Método* (1637) de Descartes.

A mesma preocupação com o método se manteve nos cartesianos:

A lógica de Port-Royal (*Art de Penser*, 1662);

Malebranche (*Recherche de la vérité*, 1674);

Espinosa (*De emendatione intellectus*, póstumo);

Tschirnhaus (*Medicina Mentis*).

E, assim por diante, também nos tempos de Leibniz.

Cabe ainda uma referência especial a Galileu (+1642), por haver introduzido com sucesso a matemática no método de pesquisa da natureza. Embora fragmentariamente, defendeu também teoricamente este seu proceder.

Por ordem, resta ainda considerar:

- a essência do método cartesiano,
- o seu matematicismo,
- a integração metodológica integralizada.

### **I - A essência do método gnosiológico cartesiano. 3686y084.**

85. A essência do método cartesiano, quando o tema é a validade gnosiológica do conhecimento, diz respeito à maneira *formal* de estabelecer o fluxo do conhecimento a respeito dos conhecimentos dados

como conteudisticamente válidos.

A validade em si mesma é determinada pela gnosiologia. Mas, a lógica fica atenta ao fluxo metodológico. É gnosiológico estabelecer que a evidência por si só é suficiente. Mas, o sequencial das evidências fica no cuidado da metodologia, como acento lógico do procedimento.

*A ordem na evidência*, eis, pois, onde se encontra a essência do método cartesiano.

Efetivamente, a propriedade mais significativa do conhecimento é a evidência, da qual depois decorre a verdade e a certeza. Metodificar o conhecimento é, pois, principiar por ordenar a evidência, como foi a iniciativas de Descartes.

86. Insistiu Descartes que tudo deve começar pelo mais evidente, para deste mais evidente seguir o caminho para o menos evidente, no sentido de dependente da evidência anterior. Para Descartes, o objetivo está, por conseguinte, em estabelecer o sempre evidente, no início, e a partir desta intuitividade inarredável seguir metodicamente para as verdades deduzidas. Esta convicção se encontra indiscutivelmente na sua primeira regra do método:

"O primeiro (preceito) consistia em nunca aceitar como verdadeira qualquer coisa, sem a reconhecer evidentemente como tal, isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção; não incluir nos seus juízos nada que não se apresentasse tão clara e tão distintamente ao meu espírito, que não tivesse nenhuma ocasião para o por em dúvida" (*Discurso do Método*).

87. Mas, se continuarmos a ler os seguintes preceitos metodológicos de Descartes, bem como atendermos ao comportamento de suas investigações, notaremos três novas particularidades, que vão diferenciar seu método com o andamento que os outros darão aos temas. Há neles um desenrolar essencialista, ou matematicista, das partes, numa excessiva integração das disciplinas, e um caminhar raciocinativo de simples concatenação.

## **II - O matematicismo do método cartesiano. 3686y089.**

90. O que é que, para Descartes, se mostra evidente e o que não o é? Diz ser mais evidente aquilo que se refere como o mais simples na ordem da essência.

Um todo complexo o divide Descartes, metodicamente em suas partes progressivamente cada vez mais simples, até obter uma idéia indivisível. As idéias que ainda continuam compostas, não poderão ser evidentes senão na dependência das mais simples.

Este modo de dividir a questão pelas partes simplesmente constitutivas do objeto, visto sob o prisma de sua constituição essencial, é também o processo aplicado na analítica dos matemáticos, que dividem, por exemplo, uma linha em infinitas partes. Em consequência, o método essencialista de Descartes também se pode denominar matemático. Ainda assim se poderá denominar porque o mesmo Descartes se afeiçoara a esta última ciência, deixando-se por ela influenciar.

Um outro método, ao decompor uma idéia evidente, a dividiria na ordem da evidência e não do objeto evidente. Então já não se faria necessária a ordem da análise meramente matemática a alcançar as essências mais simples (Vd E. Pauli, *Que é Pensar?* n. 19).

Ainda que se deva estabelecer a ordem essencial dos constitutivos das coisas, o método, do ponto de vista da obtenção da certeza, caminha na ordem pela qual as partes se apresentam à evidência. E então poderá ocorrer que as propriedades se manifestem mais evidentes antes que as substâncias, mesmo que estas sejam mais simples. Deus é o mais simples, mas não é o mais evidente relativamente a nós.

Leiam-se os dois seguintes preceitos do método de Descartes e se aprecie como se ocupa tão só da ordenação essencial e não da sequência das evidências.

"O segundo (preceito), *dividir* cada uma das dificuldades que eu houvesse de examinar em tantas parcelas quantas pudessem ser e fossem exigidas para resolvê-las melhor" (*Ibidem*, II).

"O terceiro (preceito), *conduzir por ordem* meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e fáceis de serem conhecidos, para subir pouco e pouco como por degraus até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo certa ordem entre os que não precedem naturalmente uns aos outros. E o último fazer por toda a parte *numerações* tão completas e revistas tão gerais, que ficasse certo de nada omitir" (*Ibidem*).

91. Em *Regras para a direção do espírito*, repete Descartes as leis do método por ele apresentadas, ora enunciando a análise, ora a síntese, ora ambas. O que diz neste livro, deve ser tratado como complemento do *Discurso do método*, por causa da situação inacabada do texto e sua edição posterior.

Não completou Descartes as suas regras que anunciava, na regra 12, serem num total de 36. Exarou e explicou a primeira parte constante de 12 regras sobre as "proposições simples" e oito sobre as "questões", das quais deixou de explicar as três últimas".

5-a regra:

"Todo o método consiste na ordem e disposição das coisas para as quais é necessário dirigir a agudeza da mente para descobrir a verdade. Observamos isto exatamente, se reduzirmos gradualmente as proposições intrincadas e obscuras a outras mais simples, e se depois, partindo da intuição das mais simples, intentamos ascender pelos mesmos graus, ao conhecimento das demais".

6-a regra:

"Para distinguir as coisas mais simples das complicadas, e investigá-las com ordem, convém, em cada série de coisas em que deduzimos diretamente algumas verdades de outras, observar qual a mais simples e como todas as outras estão mais ou menos ou igualmente afastadas delas".

13-a regra:

"Se compreendemos perfeitamente uma questão, devemos afastá-la de todo o conceito supérfluo, reduzindo-o à maior simplicidade e dividindo-a, mediante uma enumeração, em partes tão pequenas quanto seja possível".

17-a regra:

"A dificuldade proposta deve ser indiretamente investigada, fazendo-se com que alguns dos seus fins sejam conhecidos e outros desconhecidos, e procurando intuir por meio de verdadeiros raciocínios a dependência de uns com os outros".

Regra 18-a:

"Para isto, só quatro operações são necessárias: a adição, a subtração, a multiplicação e a divisão, das quais as duas últimas muitas vezes não devem ser levadas a efeito, já para não complicar nada inutilmente, já porque podem ser executadas mais facilmente depois".

Concluí-se, observando que toda a ciência efetivamente faz as enumerações das partes em que um objeto se dissocia. Mas, não é apenas isto que se pode tomar em conta para haver evidência.

### **III - Integração metodológica radicalizada. 3686y093.**

94. Descartes enrijeceu a integração das disciplinas do saber. A interpenetração dos princípios mostra a ele que as ciências se prendem entre si. Desta sorte, não só cuida do método da matemática, mas de todas as divisões do saber, como se houvesse algo sempre comum a ordenar o todo, simplesmente.

A integração metodológica de todas as disciplinas do saber não deixa de ser válida em si mesma, porque as ciências são fatias abstratas de um só grande saber. Foi um mérito de Descartes o haver advertida para a integração metodológica das ciências. A unidade plotiniana do saber volta a se manifestar em Descartes, o qual foi, além disto, um sábio enciclopédico, ao mesmo tempo cientista e filósofo, formado em direito e estudioso da medicina, além de militar e matemático.

Qualquer seja a validade das conclusões a que chegasse neste assunto da integração de todo o saber, Descartes teve o mérito de haver estimulado esta ordem de questões.

Foi sempre conhecida a atitude medieval que punha a filosofia como serva da teologia. Em que sentido valeria esta subordinação? Em Descartes se nota a constante preocupação de não fazer conflitar a sabedoria humana com a divina; assustava-se com o caso Galileu, de 1633. Nem por isso deixou de pensar com autonomia metodológica.

95. É possível, porém, que Descartes não tenha visto suficientemente, que a unidade não podia sacrificar toda a diversidade.

Atenda-se para a visão de Francisco Bacon a respeito das naturezas regionalizadas. Estas não poderiam revelar-se através dos princípios gerais, de sorte a se fazer necessária, então, a experiência e a indução

Descartes se exerce num clima em que o método não só é integrado (como de direito), mas unitário, de sorte a fazer sentir o matematicismo de todas as áreas do saber. Este espírito perseverará em Leibniz, com sua teoria das verdades contingentes e eternas.

### **§3. Divisão e classificação cartesiana das ciências. 3686y097.**

98. A divisão da filosofia é uma questão meramente formal da lógica, e é uma questão do método. É a divisão uma parte da lógica.

Diferentemente de todas as outras, tem ainda lógica que se definir a si mesma. Uma vez definidas as ciências, elas passam a ser classificadas.

Ainda que a integração de todas as disciplinas científicas e filosóficas seja uma tônica cartesiana, de onde portanto deveria nascer uma rija classificação das disciplinas, não ofereceu contudo Descartes uma visão clara da lógica e nem ofereceu uma clara divisão das ciências e da filosofia.

A classificação cartesiana da filosofia, entretanto, se revela na maneira concreta como distribuiu os temas nos seus mesmos livros.

Particularmente, deve ser citado neste sentido *Princípios de Filosofia* (1644), em que a palavra "princípios" não é indicadora de *começos*, mas de *iniciação* a todos os temas filosóficos, incluindo até os científicos sobre os corpos, tal como hoje vemos nas "Introduções à Filosofia", quando estas representam um elenco das principais leituras de todas as disciplinas filosóficas.

Além disso, a divisão cartesiana se pode inferir da *Carta do Autor* a Picot, tradutor de *Princípios de Filosofia*, que os verteu do latim ao francês, carta esta que foi publicada, em 1647, à maneira de prefácio da tradução.

99. Dali resultou a seguinte classificação: Lógica, Metafísica, Moral e demais ciências.

a). A *lógica* de Descartes é sobretudo a *lógica maior*, ou seja, a que já não mais considera o conhecimento do ponto de vista exclusivamente formal, mas também enquanto sua forma atende à matéria, ou seja, às características do objeto que se faz conhecer.

Mui particularmente, encontra-se atento ao método do saber. Nesta condição, insiste nas regras que dizem serem quatro. Quanto à integração geral das disciplinas do saber, que já antes referimos, é mais um tema de Lógica Maior tratado por Descartes.

b). A *metafísica*, ou *Primeira* filosofia, é concebida como contendo os problemas da *teoria do conhecimento*, ou *gnosilogia*, denominações que surgiriam depois de Descartes.

c). A *física*, situada num plano particular, em que se aplicam os princípios gerais, não se distingue ainda claramente em suas duas perspectivas modernas, - a *filosófica* (denominada depois cosmologia) e a *científica* (ou experimental, hoje conhecida simplesmente por física).

100. Descartes apresenta, por ordem e partes sucessivas, a metafísica, a física e a moral. Pelo que se pode ler no já citado Prefácio:

"E dividi tal livro em quatro partes, sendo que a primeira contém os princípios do conhecimento, que é o que se pode chamar de *Primeira Filosofia*, ou então, *Metafísica*. Eis porque, para a sua boa compreensão, convém ler antes as *Meditações*, que escrevi sobre o mesmo assunto.

As três outras partes abrangem o que há de mais geral na *física*, isto é, a explicação das primeiras leis ou princípios da natureza, e a maneira pela qual os céus, as estrelas fixas, os planetas, os cometas, e geralmente todo o universo, estão compostos e ordenados.

Depois, em particular, a natureza desta terra, e do ar, da água, do fogo, do ímã, e de todas as qualidades que se notam nesses corpos, como sejam, a luz, o calor, a gravidade e outras semelhantes; por meio do que penso haver começado a explicar por ordem toda a filosofia...

A fim de conduzir tal desígnio até o fim, eu deveria de imediato explicar da mesma maneira a natureza de cada um dos outros corpos: os minerais, as plantas, os animais, e principalmente

o homem; depois, enfim, tratar exatamente da medicina, da moral e das mecânicas. Era o que urgia que eu fizesse para dar aos homens um corpo todo inteiro de filosofia" (Prefácio da edição em francês de *Primeiros Princípios da Filosofia*).

A moral, portanto, ficava por se redigir.

Como se sabe, o grande projeto de Descartes foi prejudicado por sua morte prematura.